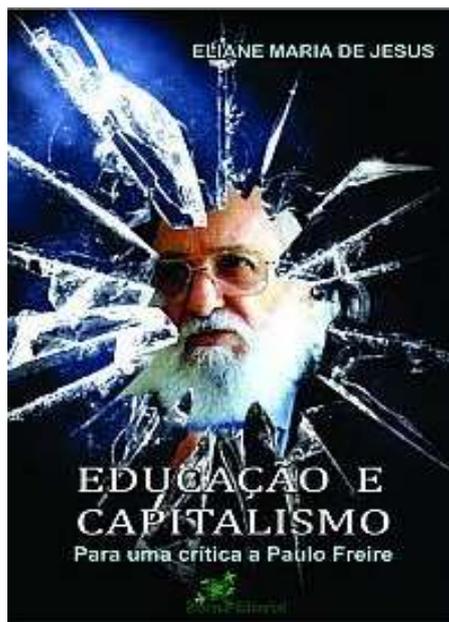


## Derrubando a estátua de Paulo Freire

João Gabriel da Fonseca Mateus

JESUS, E. M. *Educação e Capitalismo: para uma crítica a Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2012.

Seria salutar, antes de qualquer referência a mais uma excelente obra, reiterar algumas questões de cunho crítico. Penso que a atual predominância teórico-metodológica nas ciências humanas, marcada pela primazia do fragmento em relação à totalidade, vem produzindo obras que não colocam em xeque as relações sociais marcadas pela opressão do homem pelo homem, por exemplo, as análises sobre o fenômeno educacional e escolar. Concomitante a isso, a fragmentação do conhecimento científico, juntamente com a crescente especialização das ciências em geral colabora sobremaneira com a manifestação das representações dominantes e acaba sendo um obstáculo para uma percepção crítica e libertária de nossa sociedade contribuindo com a manutenção da visão de imutabilidade das relações sociais vigentes, naturalizando-as. Essas questões são superadas na obra que analisarei, que possui, além de uma boa análise sobre Paulo Freire, uma crítica ao seu pensamento.



Autor reconhecido nas licenciaturas de todas as áreas do conhecimento, Paulo Freire é muito referenciado e pouco criticado. Seus intérpretes, os que o leram de fato, raramente fazem críticas e procuram avançar suas concepções. Tal maneira é bem comum no ambiente acadêmico e a proposta de Eliane de Jesus é oferecer uma visão ampla, crítica de um autor consagrado pelos membros das cátedras acadêmicas.

Resultado da monografia do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, esta é uma obra de salutar importância para os interessados em conhecer as teorias da educação sob uma nova ótica, uma ótica crítica. Com esta premissa, de somar considerações e auxiliar no âmbito da educação, vem à tona neste ano, publicado pela Rizoma Editorial, *Educação e Capitalismo: para uma crítica a Paulo Freire*. A obra é

composta por três capítulos, além do prefácio, apresentação e conclusão e, estes, serão resumidamente, apresentados abaixo.

No *Prefácio*, Edmilson Marques ressalta que o educador pernambucano “foi canonizado e vem sendo adorado por grande parte de seus seguidores” (p. 11). Tal relação só pode estabelecer uma leitura dogmática, acrítica do autor e assim, criando uma massa de seguidores (e não leitores críticos, preocupados com o conhecimento e a emancipação) com leituras dogmáticas que reproduzem, sem reflexões, o pensamento de seu ídolo. Penso que idolatrar não é um caminho proveitoso para a emancipação humana.

Logo na *Apresentação* a autora expressa a principal motivação dessa pesquisa: “o que motiva esse trabalho é a reprodução de um messianismo pedagógico que se apresenta no discurso de muitos indivíduos ligados à educação” onde estes reproduzem que “a educação é apresentada como cura pra os males existentes nesta sociedade” (p. 18). Essa motivação justificada vem com o intuito de saber se as concepções de Paulo Freire são importantes e contribuem para pensar a educação de forma crítica ou se são ideologias (no sentido marxista do termo); ou ainda, se expressa que a escola é o campo da transformação social ocultando a luta de classes que é travada no seu interior.

Em *A Dinâmica do Capitalismo: Classes Sociais, Estado e Ideologia* a autora faz uma análise teórica a partir do método materialista histórico-dialético compreendendo as determinações que atuam na sociedade, dentre elas, a questão das *classes sociais*, do *Estado* e da *ideologia*. Primeiramente, sobre as classes sociais, a autora apresenta a concepção de classe social utilizadas por Lênin, Gurvitch, Poulantzas, Marx, Engels, Viana, Maia, sendo que baseada neste último, ela encontra a teoria e uma definição precisa e completa de classes sociais (p. 34); o segundo ponto de destaque nesse capítulo é sua detida análise do Estado Capitalista onde a autora aponta a centralidade das classes sociais na análise sobre o Estado, destacando, em relação às suas formas de controle: “o estado capitalista para tornar mais efetivo seu controle cria a cidadania e com ela a ideia de que nele todos têm suas necessidades atendidas, bem como a garantia do uso dos seus direitos e deveres (...)” (p. 43); por último vem sua análise do conceito de ideologia. Trazendo uma concepção marxista, Eliane de Jesus, analisa a concepção de Michael Lowy (e através deste, Desttut, Marx, Mannheim), Marilena Chauí, Marx, Lênin, Gramsci. Destaca-se nesse emaranhado de definições, a que a autora utiliza enquanto “representações ilusórias da realidade” (p. 53).

A trajetória do autor pernambucano é desenvolvida logo após em *Paulo Freire: Vidas, Obras e Pensamento*, onde a autora analisa, além da biografia de Paulo Freire, diversas obras do educador<sup>1</sup> destacando sua trajetória no *Movimento de Cultura Popular* de Recife desenvolvendo sobre a questão do analfabetismo, por exemplo, a experiência do método de alfabetização<sup>2</sup> em Angicos (RN) no ano de 1963. Posteriormente, Freire foi exilado no período da ditadura civil-militar brasileira residindo no Chile durante alguns anos.

O método Paulo Freire de alfabetização é composto por cinco fases: a primeira fase consiste no levantamento vocabular dos grupos; a segunda fase é a fase de escolhas das palavras desse universo; a terceira fase é a das “situações problemas” para levar à conscientização durante a alfabetização; a quarta parte “consiste na elaboração de fichas-roteiro”; por último, na quinta fase são feitas “as fichas com a decomposição das famílias fonêmicas” que “correspondem aos vocábulos geradores” (p. 68 – 73).

Após esse detalhamento simplório, cabe-nos ressaltar que Paulo Freire, ao retornar ao Brasil após seu exílio, adere ao PT (Partido dos Trabalhadores) se tornando membro da burocracia estatal facilmente e assim, em 1989, se torna Secretário de Educação, criando o MOVA-SP, etc. Esse capítulo ainda analisa os conceitos freireanos de pedagogia libertadora, educação bancária, educação como prática da liberdade, invasão cultural, etc. (p. 79 – 86).

O capítulo seguinte realiza uma análise da concepção de classe da obra de Freire, com destaque para a ideologia do partido (com a questão da eleição e da necessidade de dirigentes na educação e na política) expressa em suas obras, bem como a ideologia da inserção (amortecendo a luta de classes), democracia, cidadania, etc. Após apresentar essas ideologias por trás do discurso de Paulo Freire – sobretudo em relação à conciliação (apesar dos antagonismos claros entre as classes) - Eliane de Jesus, fazendo aquilo que muitos se esquivaram (e esquivam), diz:

A ideologia por trás desse discurso de Freire é perceptível, uma vez que, por meio de um discurso conciliador, este busca criar a ideia de acordo entre classes (...). Isso nos leva a concluir que Freire, enquanto ideólogo cria falsas ideias que ocultam a realidade da exploração no capitalismo, já que não discute aquilo que é fundamental para se

<sup>1</sup> São as obras: *Pedagogia do oprimido*, *Pedagogia da esperança*, *Pedagogia da autonomia*, *Educação como prática da liberdade*, *Conscientização: teoria e prática da libertação*, *Essa escola chamada vida*, *Política e educação* e *A educação na cidade*.

<sup>2</sup> “O método de alfabetização que leva o nome de Freire se trata de um método que possui em sua formulação segundo o próprio autor o interesse de levar as massas a tomar uma postura crítica. Freire considera possível tal postura, com a utilização de um método ativo de educação, um método de diálogo, crítico, modificando os conteúdos dos programas de educação” (p. 68).

compreender a relação oprimido e opressor, ou seja, a luta de classes (...) (p. 116).

Esse é o capítulo *O Discurso Oprimido x Opressor: A Produção Ideológica em Paulo Freire*.

Para concluir, em suas *Considerações Finais*, Eliane de Jesus dá a “cartada final” estabelecendo os nexos finais de sua análise ressaltando ainda o caráter conservador dos que seguem cegamente e do papel contrarrevolucionário da escola. A hipótese da autora é confirmada:

O que se confirmou, como levantado na hipótese deste trabalho, é que sua concepção é uma ideologia uma vez que, (...) a concepção de Paulo Freire, na verdade, contribui para a reprodução do capitalismo, já que não questiona a exploração da classe burguesa sobre a proletária (...) (p. 117).

Portanto, a formação que leve por fins ou que conduza à liberdade, precisa levar em conta que esta só se concretiza nas condições reais de sociedade na sua forma de produção e reprodução da autogestão das lutas e pela autoformação.

Essa ampla abrangência analítica e a profundidade crítica são questões centrais da obra que aqui resenho. Isso confere à autora qualidades que poucos têm: superar os ídolos e realizar críticas às *estátuas* petrificadas do conhecimento. E concordando com Erich Fromm, “o caráter não - revolucionário inclina-se, particularmente, a acreditar nas coisas ditas pela maioria”. Porém, nem todos são assim, existem pessoas de “espírito crítico”, diz Fromm. “A pessoa de espírito crítico reagirá precisamente de forma oposta. Adotará uma atitude crítica ao ouvir o julgamento da maioria, que é o julgamento de todos e daqueles que detêm o poder (...). Quem se impressiona moralmente pelo poder jamais terá espírito crítico, jamais será um caráter revolucionário” (FROMM, 1965, p. 125).

Assim, além das considerações de Fromm, faço coro com as angústias de Winston Smith, personagem de *1984*, que acredita no fim do “cumprimento da era da uniformidade, da era da solidão, da era do Grande Irmão, da era do duplipensar”. Estes pensamentos são atuais e necessários, ainda que a reação da escola seja para produzir “o passado morto, o futuro inimaginável” (ORWELL, 1984, p. 28 – 30).

Ler este livro é importante para quem se depara com a petrificação do conhecimento feito por homens do nosso tempo que criam ídolos irrefutáveis e *a-históricos*, que mais se assemelham aos “entes divinos”. Para os que lerão a obra de Eliane, resta a esperança de que saibam que lerão um livro que tem autoria de carne e

osso, é histórico, temporal e não são “textos bíblicos” para serem adorados. Além disso, o livro que acabo de resenhar tem a proposta de afirmar aquilo que o sistema escolar e repressor nega aos indivíduos: o desenvolvimento de capacidades críticas e reflexivas cotidianas.

Para estes que leem livros como leem textos sagrados, só nos resta perguntar: Vocês não sabem que pensando assim acabam reproduzindo que “guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força”?

### Referências Bibliográficas

- FROMM, E. *O Dogma de Cristo e outros ensaios sobre Religião, Psicologia e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.
- ILLICH, I. *Sociedade sem Escolas*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- JESUS, E. M. *Educação e Capitalismo: para uma crítica a Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2012.
- ORWELL, G. 1984. São Paulo: Editora Nacional, 1984.
- JO, P. La escuela como centro de adormecimento brutal y silencioso. In: *El Surco*, ano 2, n. 21, Santiago/Chile, nov./2010, p. 6.

### João Gabriel da Fonseca Mateus

Graduando em Licenciatura em História pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Autor do livro *Educação e Anarquismo: uma perspectiva libertária* (Rio de Janeiro, Rizoma Editorial, 2012). Membro do corpo editorial da Revista Espaço Livre.  
E-mail: [joagabriel\\_fonseca@hotmail.com](mailto:joagabriel_fonseca@hotmail.com)